

O que escrever em tempos de algoritmos, jogos e achatamentos culturais?

1. O *filterword* (mundo filtrado)

Tenho vários amigos que são engajados em redes sociais. Bem engajados. É possível dizer que muitos deles seguem um certo *filterworld*; **um mundo filtrado pelas redes sociais**. Segundo me dizem, isso ajuda na profissão. E na vida. Pode ser. Não tenho elementos para contestar.

Mas vamos refletir sobre isso. Há um artigo interessante do jornalista Kyle Chayka, muito bem analisado pela jornalista Cláudia Laitano, do jornal *Zero*, exatamente chamado *Filterworld: How Algorithms Flattened Culture* (algo como *Mundo filtrado: como os algoritmos achataram a cultura*).

O artigo de Chayka tenta entender como **essa curadoria customizada** das plataformas afeta não apenas a forma como nos relacionamos com a arte, mas também o que os artistas (e acrescento, os profissionais em geral, de jornalistas a jornalheiros, passando pelos líderes jurídicos) escrevem e fazem para arrumar *engajamento* no público.



2. Estamos nos tornando consumidores passivos?

Para Chayka, **e de algum modo, estamos todos incluídos nisso, caminhamos para sermos consumidores passivos de um cardápio criado não para ampliar nossa visão de mundo, mas para reforçar nossas idiossincrasias** — mais ou menos como aquele sujeito que se senta no restaurante e aceita, sem questionar muito, a sugestão do garçom que parece conhecer todos os seus hábitos que os algoritmos forneceram de antemão e até seu estado de ânimo.

Spacca

Eis a tal pÃ³s-modernidade. Vai de seca Ã meca. De intelectuais Ã rafanilha. Tempos de tik tok e quejandices mil. Ao mesmo tempo em que existem coisas boas-interessantes nas redes, hÃ tambÃm pessoas querendo desenhar mensagens. Resumir tudo. Compactar. HÃ muita gente do Direito querendo desenhar. **E vencer no impÃrio do simples.** Pessoas no Direito que nunca escreveram um fonograma e sÃ leram livros de orelhada, acham que podem â??postarâ?•.

Neste mundo fragmentado, poucas pessoas leem textos com mais de 15 linhas. Anexos, entÃo, nem pensar. Se lessem Jonathan Swift (crime impossÃvel!) veriam que isso estÃ denunciado lÃ nas *Viagens*, no sÃculo 18. Um cientista de Lagado propÃs eliminar textos e frases: **transformar tudo em monossÃlabos e onomatopeias.**

O outro cientista propÃ que a extinÃÃo das palavras. Sua tese: substituamos as palavras pelas prÃprias coisas. Bingo.

3. A algo-cracia e a precarizaÃÃo do mundo cultural (e do trabalho)

Tudo isso estÃ aÃ. Nestes tempos de algo-cracia.

JÃ nÃo falamos com pessoas. HÃ hotÃis que jÃ nÃo tÃam portaria. Lojas sem atendentes e sem caixas. Lancherias sem caixas. Nos hotÃis jÃ nÃo hÃ cafÃ. HÃ mÃquinas. Com cÃpsulas. Ã Uma das belas igrejas do mundo, a de Burgos, tem QR Code. Tudo self service. Os santos viraram self service. TV em hotel jÃ nÃo em controle remoto. E pelo celular. O que fizemos com o humano?

Ã o impÃrio do simples. Do raso. Da platitude. A internet estÃ repleta de nÃscios â??vendendoâ?• platitudes. Ã Tempos de fazer economia, em que o CEO da empresa retira a azeitona do sanduÃche, para economizar e aumentar o seu bÃnus. Depois tira o sanduÃche. E os hotÃis fazem convÃnio com cafÃ TrÃs CoraÃÃes e similares, com as horrÃveis mÃquinas... tudo para economizar e lucrar mais. Os hÃspedes e clientes? Lixem-se.

No impÃrio do simples, hÃ livros de Direito que ostentam, com orgulho, que **tratam da matÃria excluindo as partes chatas.** Ou seja, as partes difÃceis. Ou seja, excluindo o prÃprio Direito. Agora surgiu um livro todo desenhado, querendo â??explicarâ?• Direito Constitucional. Tem Ãrvores, casas, estradas, edifÃcios. Quando fala em STF, mostra o desenho... do STF. Imita os **repÃrteres da Globo, que, para falarem da enchente, ficam com Ãgua pela cintura.** E metaforizam a metÃfora.



Lenio Luiz Streck
jurista e professor

Alegorizam a alegoria. A Globo tentou ensinar filosofia assim: para explicar o mito da caverna, a moça entrou... em uma caverna!

Somos todos *players*, como dizem alguns advogados. Ou temos de ser *players*, nesse complicado e hoje hostil mundo de Deus. O que é bem isso, não se sabe.

Mas tudo tem a ver com o *filterworld*. Chayca e Laitano têm razão.

4. Não é não às simplificações: adira à campanha

De minha parte, faço como T.S. Eliot: numa *terra de fugitivos*, aquele que anda na direção do contrário parece estar fugindo. Continuo protestando. Não está morto quem peleia, dizia uma ovelha no meio de dez cães caçadores.



ria â?? os

Não aceito plastificações. Desenhações. Desdificilitamentos. Como na campanha contra o assédio, digo â?? não é não às simplificações??. E sim aos livros!

Enfim, não aceito esse *filterjusworld*.

Não é não!

5. Minha receita: muitos livros! Livros a mancheias

Como se reage? Faãsa como eu: construa um bunker de livros. E uma catapulta. Se for preciso, faãsa como na charge.



Autores: Lenio Luiz Streck